



O ESPÍRITO DA UTOPIA VIVE

DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.14589>



Suzana Albornoz

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Brasil



Resumo

Escrito como homenagem por ocasião do centenário da 1ª edição de *O espírito da utopia* (1918) de Ernst Bloch (1885-1977), o texto relembra o conteúdo da obra e o significado da utopia na modernidade; e ao fazer referência à Tese 9 sobre a História, de Walter Benjamin (1892-1940), alude aos clamores que, em nossos dias, testemunham a sobrevivência do espírito utópico.

Palavras-chave: Bloch, espírito, utopia, música, história, Benjamin.

Introdução

Em minha aproximação do pensamento de Ernst Bloch, anos 80 e 90 do século XX, embora haja recorrido muitos de seus textos, divulguei o filósofo para o público leigo e, em livros e artigos de revistas ou jornais, como em verbetes de dicionários, aulas e conferências, a mais das vezes só resumi a apresentação do essencial contido em *Princípio esperança*, sobretudo no Capítulo 18, onde se encontra a análise da categoria da possibilidade na qual o professor de Tübingen apoiava o seu sistema aberto. Foi, portanto, naquela obra prima terminada nos anos 50 que consultei o inventário das utopias e descobri a filosofia da utopia, desenvolvida ali de forma tão inspirada e erudita,¹ e não realizei um trabalho mais específico sobre o livro que ora completa cem anos e é tema desta coletânea.

Por outro lado, embora sem dispor de informação atualizada, suponho que *Espírito da utopia*, o livro de 1918 que ganhou versão definitiva em 1923, tenha sido já muitíssimas vezes analisado pelos estudiosos, seja por seu conteúdo requintado, na medida em que relaciona a

¹ Refiro-me a meus livros que resultaram do mestrado na UFRGS, em 1984, do DEA na EHESS, em 1987, e do doutorado na UFMG, em 1997, ou seja, *Ética e utopia. Ensaio sobre Ernst Bloch* (1985;2006), *O enigma da esperança. Ernst Bloch e as margens da história do espírito* (1998;1999) e *Violência ou não violência. Um estudo em torno de Ernst Bloch* (2000;2002).

filosofia geral e a utopia com a filosofia da música, seja por seu caráter inaugural e sua relevância no conjunto da obra blochiana, dada a permanência dos seus traços que constituíram quase um paradigma e se fizeram presentes nos escritos de maturidade do filósofo, tanto no trabalho do conceito da *utopia concreta* como na afirmação do *princípio esperança* orientador da ação.

Portanto, mesmo se algumas vezes, de passagem, abordei a concepção da arte (e em particular, da música)² naquele pensamento, onde é definida como *a realização fragmentária da utopia*, parece-me preferível deixar sua análise sob a responsabilidade dos pesquisadores especializados, e vou adiante, em busca do espírito da utopia que permanece vivo do lado de fora das bibliotecas e academias, mesmo entre as ruínas, para além das muitas guerras e das mortes ideológicas. Minha intenção é apenas chamar o olhar do leitor para aquele espírito da esperança que sobrevive às destruições dos muros e das torres emblemáticas e, portanto, sopra também no momento sombrio do ano de 2018, no Brasil e no mundo.

Do livro *Espírito da utopia* (1918)

Muito embora não pretenda apresentar no detalhe nem fazer uma interpretação filosófica do livro de 1918, antes de evocar o *espírito da utopia* no presente concreto, recordarei algo do conteúdo da obra inaugural do jovem Bloch, contemporânea do espiritual e do mesmo modo misterioso *Thomas Münzer, teólogo da revolução* (1921).³

No capítulo introdutório, intitulado *Produção do ornamento*,⁴ por meio da linguagem cifrada e poética tão peculiar, o filósofo da utopia começa por nos brindar, justamente, uma reflexão sobre a arte. O elo entre a forma artística e o sonho utópico afirma-se sutilmente em páginas onde se descobrem os planos de fundo da vontade da arte, considerados como “o sonho de sedução da Grécia”, o “sonho de petrificação do Egito” e o “sonho de ressurreição do gótico”. Nasquelas páginas iniciais do livro da juventude já se insinuava a ideia da existência de uma alternativa, de uma tensão entre dois grandes modelos inspiradores da arte, especialmente evidentes na arquitetura, a saber: o arquétipo do cristal, que deu nascimento à maravilha das pirâmides egípcias, e o da árvore da vida, inspirador do milagre das catedrais góticas. Tais foram os modelos que se tornaram objeto de reflexão quando Bloch abordou as

² Como em “*Ernst Bloch e a felicidade prometida*”, capítulo de *A filosofia e a felicidade*, publicado em 2004 (re. 2009).

³ Sobre o livro *Thomas Münzer, teólogo da revolução*, já tive ocasião de tratar em escritos do curso na EHESS em Paris, de 1987 a 1990, que resultaram em parte da tese de doutorado defendida na UFMG em 1997.

⁴ Gallimard, 21-47.

utopias arquitetônicas em páginas memoráveis de *Princípio esperança*, escrito quatro décadas após *Espírito da utopia*.

A parte central do livro de 1918, pelo menos seu ensaio mais amplo, trata da *Filosofia da música*.⁵ Como o autor explica, naquele estudo se busca dar uma contribuição à história da música e uma contribuição à teoria da música. Longe de minha intenção reduzir o valor dos fragmentos preciosos que ali se encontram, de dimensão histórica e estética. Respeito-os não somente pelo amor do tema, pela admiração pela história da música, mas também pela consciência de sua novidade histórica, do afirmado estado de juventude da música na história da humanidade, e da sua evolução realizada na Modernidade. Espero que tais ensaios do jovem filósofo da utopia tenham encontrado e continuem a encontrar os intérpretes que merecem, tanto entre os músicos abertos para a filosofia como entre os pensadores que cultivam a música.

Ao estudo sobre filosofia da música segue-se o ensaio intitulado *A forma da questão instrutível*,⁶ um dos textos mais enigmáticos com que se pode deparar o leitor de Ernst Bloch, que não economizava propostas de enigmas, ante os quais a inteligência, a intuição e o esforço de decifração precisam concorrer para atravessar as formulações barrocas, naquele movimento cifrado de filosofar. O domínio em que se está é antes de mais o da antropologia filosófica, mas o texto se abre também para a dimensão da teologia. A questão é o homem: *Nós mesmos. O que é válido em nós*. Procura-se dar uma contribuição à metafísica do que em nós é obscuro, ou seja, do que não é mais consciente e do que ainda não é consciente, dito como o *problema instrutível do nós*. Nessas páginas se expressa uma fenomenologia do ser humano onde se acham antecipadas as grandes definições da obra mais tardia, como o ser como ainda não ser, e o homem como ser em possibilidade. O filósofo persegue o saber ainda não consciente pela busca do espanto mais profundo.

Finalmente, na terceira grande parte do livro *Espírito da utopia*, aquela que se tornará a sua conclusão, apresenta-se um tema recorrente na obra de Bloch, que se encontra também em outros escritos e sob outras denominações, e que por mais de uma vez desempenhou o papel de conclusão: *Karl Marx, a morte e o apocalipse*.⁷ É onde o jovem filósofo se propõe a explorar os caminhos do mundo capazes de tornar exterior o interior, ou melhor, de tornar o exterior semelhante ao interior. É quando disserta sobre aquilo que denomina pensamento

⁵ Gallimard, 49-199. Suhrkamp, edição de bolso, 49-208.

⁶ Gallimard, 201-275.

⁷ Gallimard, 277-330. Suhrkamp, 289-342.

socialista e por esse meio, num texto que constitui a chave do livro, ensaia atingir a verdadeira ideologia do Reino.

Da história do conceito de utopia

Para os leitores acostumados à questão seria desnecessário lembrar que a palavra *utopia* é moderna e pode ser entendida de mais de uma maneira, ou seja, possui mais de um significado. Mas se o leitor vem de outra área ou, mesmo sendo estudante de filosofia, é inexperiente no domínio específico, convém oferecer um pouco de história. Portanto, permitam-me uma breve incursão na história do termo *utopia*, relacionado com o seu conceito e com o seu acontecer.⁸

Ao que parece, o primeiro a usar o termo *utopia*, por assim dizer o seu inventor, consta ter sido sir Thomas More - que, enquanto autor, assinou também como Thomas Morus - em seu famoso romance utópico, justamente, intitulado *Utopia* (1516). De *u+topus*, quer dizer, *sem lugar*. Na intenção do escritor inglês, esse título criativo deveria indicar o caráter ficcional, de sonho, da ilha descrita no romance; um caráter de sonho impossível de ser transposto para a realidade; pelo menos, um sonho distante da realidade de sua ilha natal em seu tempo.

A *Utopia* de Morus é o primeiro romance utópico a ser chamado assim, mas não é senão um dos casos num gênero que se tornou fértil na Renascença, no início da Modernidade, estimulado pelas grandes navegações, pelas descobertas de novos continentes e pelas notícias de lugares nunca vistos, pelos relatos dos viajantes que faziam sonhar os espíritos dos que não zarparam. *A cidade do sol* (1602) de Tommaso Campanella, na Itália, e a *Nova Atlântida* (1627) de Francis Bacon, na Inglaterra, são dois dos mais expressivos exemplos, mas não são os únicos, a ponto de poder-se afirmar uma relação entre a época moderna e o gênero literário do romance político de idealização. Isso não significa que não se houvessem alimentado anteriormente especulações e fantasias em torno de pátrias ideais e imaginárias, que depois passaram a corresponder também ao termo criado por Morus, e que talvez tenham inspirado organizações concretas ou adquirido relevância cultural, como é o caso do livro *A República*, de Platão.

Uma longa e dinâmica evolução ocorreu nos séculos que nos separam da obra romanescas de Thomas More. De lá para cá, pelos usos diversos dados ao termo durante o meio milênio transcorrido, o nome próprio que denominava a pátria sonhada pelo nobre

⁸ Para maior esclarecimento sobre o termo e sua história, reenvio ao verbete “Utopia” no *Dicionário de Filosofia Política* organizado por Vicente Barreto e Alfredo Culleton, publicado pela Editora da Unisinos em 2010. *Barbarói, Santa Cruz do Sul, Edição Especial n.54, p.<12-22>, jul./dez. 2019*

pensador político inglês, ou seja, o título do seu romance político - em que na palavra *u-topia*, que indica o *sem lugar* ou país inexistente, permanecia um eco, uma significação colateral ou paralela, de *eu-topia*, o bom lugar ou país perfeito -, adquiriu aos poucos a familiaridade de um substantivo comum, melhor dito, uma significação vulgar mais experimentada como adjetivo, no sentido de algo impossível de acontecer.

Sobretudo na primeira parte do século XIX, com o florescimento das propostas imaginativas dos chamados *socialistas utópicos*, concomitante ao desenvolvimento das ciências humanas e históricas, e de lá para cá, a denominação de *utopia* acabou sendo atribuída amplamente a obras de pensamento criativo no plano do imaginário social, tais como a idealização, cheia de regras, do mundo da *harmonia* e do *falanstério*, de Charles Fourier na França, assim como as experiências inovadoras de Robert Owen junto aos trabalhadores industriais na Escócia, que se acham na origem do cooperativismo contemporâneo e inspiraram generosas experiências reais, embora circunscritas, como a comunidade de *Nova Harmonia* em Indiana, nos Estados Unidos.

Além dessas, muitas outras projeções imaginárias e ideias para reorganizar o convívio social e político provocaram tentativas de realização através do que se chamou de *utopias tópicas*, como a da *Colônia Cecília* no Paraná, Sul do Brasil, de inspiração anarquista, e talvez ainda se possam considerar *utopias tópicas* as comunidades de vida alternativa que ocorreram no meio dos jovens contestadores *hippies* dos anos 60 e 70 do século XX, um pouco por toda parte nos mais distantes pontos do planeta.

Todavia, no último século, tendo ocorrido uma associação da palavra *utopia* com o movimento socialista de cunho marxista – e isso apesar da distinção insistente entre socialismo utópico e socialismo científico⁹ expressa pelos pensadores fundadores do marxismo -, portanto, de modo bastante paradoxal, surgiu a tendência de associar a utopia com as experiências do *socialismo realmente existente*, e se chegou, a meu ver por um desvio abusivo, a julgar responsável a *utopia* pelos excessos cometidos pelos totalitarismos.

Ao mesmo tempo, no século da técnica se produzem ficções científicas de cunho apocalíptico ou catastrófico, romances políticos que não apresentam a imaginação de um mundo melhor e sim, de modo negativo, expõem o pesadelo de um mundo ameaçador, portanto, expressam *distopias*, tais como *O admirável mundo novo* de Aldous Huxley, publicado em 1932, e *1984* de George Orwell, publicado em 1949, que talvez se confundam

⁹ Para entender a complexidade da relação entre socialismo científico e socialismo utópico, nos textos de Marx e Engels e no marxismo em geral, recomendo a leitura de *O novo espírito utópico*, de Miguel Abensour, sobretudo o capítulo “A história da utopia e o destino de sua crítica”, 9-74.

com utopias, mas nos quais está ausente o essencial do *espírito da utopia* que é a esperança e a vontade de melhorar o mundo.

Na corrente da evolução pouco tranquila do último século, a reflexão filosófica procurou definir a substância construtiva do sonho do mundo melhor, com o fim de não deixar perder-se o indispensável ao ser humano que há no sonho da vida mais justa e mais feliz. Desde o livro de Karl Mannheim em 1929 até o de Paul Ricoeur em 1987, a utopia foi pensada e avaliada por filósofos e cientistas sociais, como um quebra-cabeça quase infinito, e todos os que buscaram esclarecer o assunto deram combate à confusão do seu conceito com o de ideologia.

Ernst Bloch trouxe peculiar contribuição a esse debate, ao compreender como um dado antropológico o aspecto da experiência humana que se convencionou chamar de *utopia* – o das criações imaginárias, dos sonhos acordados, das esperanças de grupo, dos sonhos coletivos de futuro. Em todo o seu sistema aberto, o filósofo afirmou a *utopia* – quer dizer, a produção de sonhos, o trabalho construtivo da imaginação antecipadora, como um dado relevante para a compreensão e a realização do humano, considerando-a como parte constitutiva do ser humano real, este que está em permanente vir a ser.

Sendo os homens seres biológicos que fazem parte do mundo vivo animal e, antes de tudo, são seres de pulsão e desejo que aspiram ver suas necessidades atendidas; sendo seres que pensam, raciocinam, buscam dar sentido à sua existência, e nisso pretendem enraizar sua especificidade; sendo os homens, portanto, seres morais, éticos, econômicos, sociais, políticos, religiosos, que criam cultura e normas, logo, modos de organização da convivência coletiva; sendo aqueles (e aquelas) que desenvolvem formas de expressão e assim marcam a sua presença no universo; sendo tudo isso, são também os humanos seres que imaginam, antecipam, sonham o futuro, jogam com o desejo e o leque das possibilidades dadas, o que transparece na franja do real ainda não bem realizado, onde pulsão e desejo se desdobram em possíveis e se manifestam especialmente nas artes, nas técnicas e nas ciências, finalmente, no âmbito da religião, onde sonham o visível e o invisível, o dizível e o indizível, o possível e o impossível.

Com consciência dessa franja do real que se abre para o novo e o indizível, o filósofo do *princípio esperança* construiu, ao longo de sua imensa obra literária e metafísica, uma rica fenomenologia da possibilidade e das utopias, entre as quais distinguia as abstratas e as concretas, e o seu conceito de *utopia concreta*, filosoficamente fundamentado na categoria da possibilidade dissecada em muitos níveis, quebrou o limite do conceito de utopia como algo

impossível, muito embora junto ao utópico se mantenha o apelo para ser mais e para ser melhor, logo, também para o que ainda não é, e para o que ainda não tem lugar.

O espírito da utopia é como um vento que vem do paraíso

É possível que algum dos outros autores em colaboração nessa coletânea já tenha lembrado a Tese 9 de *Sobre o conceito de história* (1940), de Walter Benjamin,¹⁰ quando este aludia ao quadro de Paul Klee, *Angelus Novus*, onde um Anjo se põe ante o observador com os olhos escancarados e as asas abertas, como se estivesse sendo empurrado para trás. Aquele anjo imaginado e pintado por Klee arregala os olhos, na suposição de Benjamin, porque se assusta com o que vê. O anjo da história se assusta porque só vê destruição e ruínas.¹¹ Gostaria de salvar os feridos e de honrar os mortos, mas não consegue parar para desempenhar a sua obra humanitária, por causa do vento forte que sopra, pela força da tempestade que o impele de costas em direção do futuro, ele que olha para o passado. Trata-se de um vento irresistível que o empurra e assusta. Esse é o vento do progresso, diz Benjamin. É o vento da utopia. E é um vento que vem do passado, da origem mais remota, do paraíso.

Tal alegoria é muito expressiva e me parece bom refazer sempre de novo a sua lembrança, sobretudo quando se busca refletir sobre o lugar da utopia. Como se pode perceber ao comparar as traduções existentes, embora se façam escolhas diferentes nas expressões, o conteúdo principal é claro. Refletir sobre o lugar da esperança e da utopia, nos diversos momentos da história humana, não é uma história cor de rosa para contar em jardim de infância. Não existe facilidade para o reconhecimento equânime à dignidade da vida. Não é fácil esse reconhecimento tampouco em nosso tempo de tantas possibilidades técnicas de

¹⁰ Refiro-me, de modo livre e alusivo, a um texto que, de tão conhecido, parece-me poder ser considerado como de uso público. No Brasil, tivemos as primeiras traduções desse texto de Walter Benjamin por Sergio Paulo Rouanet e por Flavio René Kothe. A tradução de Rouanet, publicada em 1985, da referida Tese 9 de *Sobre o Conceito de História*, diz assim: “Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Nele está desenhado um anjo que parece estar na iminência de se afastar de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, seu queixo caído e suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu semblante está voltado para o passado. Onde *nós* vemos uma cadeia de acontecimentos, *ele* vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as arremessa a seus pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele volta as costas, enquanto o amontoado de ruínas diante dele cresce até o céu. É a *essa tempestade* que chamamos progresso.”

¹¹ A tradução de Flavio Kothe, publicada no mesmo ano de 1985, encontra a seguinte forma: “Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Nele está representado um anjo, que parece querer afastar-se de algo a que ele contempla. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão prontas para voar. O Anjo da História deve parecer assim. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde diante de *nós* aparece uma série de eventos, *ele* vê uma catástrofe única, que sem cessar acumula escombros sobre escombros, arremessando-os diante dos seus pés. Ele bem que gostaria de poder parar, de acordar os mortos e de reconstruir o destruído. Mas uma tempestade sopra do Paraíso, aninhando-se em suas asas, e ela é tão forte que ele não consegue mais cerrá-las. Essa tempestade impele-o incessantemente para o futuro, ao qual ele dá as costas, enquanto o monte de escombros cresce ante ele até o céu. Aquilo que chamamos de Progresso é *essa tempestade*.”

informação e comunicação. Pois este é um tempo de intensa mudança e decepções, de muitas lutas e migrações, de tantos conflitos mais ou menos expostos, mais ou menos disfarçados, de classe e de civilização, assim como tampouco era fácil naquele momento, logo após a guerra trágica de 1914-1918, quando o autor de *Espírito da utopia* publicava o seu livro expressionista, quase como um poema filosófico.¹²

Com todas as suas diferenças no modo de reagir às adversidades da vida, aos embates da história como na forma de sua obra, parece-me que o autor mais próximo do *Espírito da utopia* de Ernst Bloch deva ser considerado Walter Benjamin. Posso imaginar suas conversas de jovens a respeito da busca do mundo sonhado. Posso imaginar as dúvidas sobre em qual dos dois uma ideia teria surgido primeiro. As afinidades surpreendem mesmo entre as fortes diferenças. Os olhos muito abertos do anjo da história não são ingênuos e percebem as tragédias no mundo humano que, hoje como então, somam a desgraça, o absurdo, a destruição, a culpa e o fechamento dos caminhos, mas deixam brechas para a solidariedade, portanto, para a esperança.¹³

No tempo sombrio brilha o espírito da utopia

O espírito da utopia transcende a pessoa e a obra do filósofo da esperança. Contudo, em seu pensamento se encontram pistas expressivas para reconhecer onde aquele se encontra. Uma expressão que os leitores lerão mais de uma vez nos escritos de Ernst Bloch, não só no primeiro livro mas em muitos pontos do imenso oceano literário de sua obra, é a referência ao *momento obscuro do presente*. Momento obscuro do presente ante o qual se descortina o amanhecer. A obscuridade do tempo presente não é a de um túnel sombrio do qual não vemos a abertura à frente, mas a do lusco-fusco que se abre para o horizonte da aurora. O filósofo participa da esperança do seu tempo de que, com o domínio científico adquirido pela Modernidade, e com a consciência solidária das novas massas trabalhadoras no mundo da

¹² Ainda outra tradução em português da tese 9 de Benjamin nos chega em 2012, de João Barrento: “Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o inseparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval.”

¹³ Para não deixar desamparada minha alusão à famosa tese sobre a história, recomendo a leitura do belo livro de Jeanne Marie Gagnebin, *História e narração em W. Benjamin* (1999), onde se podem intuir as infinitas dobras e camadas de interpretação abertas pela alegoria de Benjamin, projetadas sobre o fundo da cultura literária e filosófica europeia, assim como da tradição mais antiga, clássica e religiosa, grega ou judaica.

indústria e da técnica, a humanidade será capaz de equacionar melhor o seu convívio pacífico e de promover um mundo mais justo, menos desigual, mais feliz.

Como lembramos, o autor do *Espírito da utopia*(1918;1923) publicava no momento do fim da noite trágica da primeira grande guerra mundial de 1914 a 1918, um ano após a instauração da revolução bolchevique na Rússia; enquanto nós, que nos situamos um século após e olhamos a estrada, desde este lugar ao longe, na América Latina, vemos do alto de uma montanha de lixo atômico e de escombros de guerras e genocídios e destruição ambiental, que não parecem suscetíveis de terminar facilmente num mundo submisso à fúria do poder e à gula do capital.

Vemos as sombras do século por entre as ruínas, inclusive das ilusões com as promessas da ciência e da técnica, e desilusões as há também quanto às experiências políticas, tanto da democracia ocidental capitalista como das experiências de socialismo experimentadas durante parte do século que passou. Pois justamente no tempo sombrio como o nosso que, em meio às novidades tecnológicas, carrega tanta experiência negativa, é quando reluz mais forte o espírito da utopia, pois o seu cerne é a falta.

É no obscuro presente da opressão quando sobressai a luz da esperança dos oprimidos. Ante a injustiça do desperdício se evidencia a carência, o impulso e o direito dos despossuídos. No momento mais adverso se destaca o desejo dos injuriados e excluídos, pois então o espírito da utopia reclama a mudança, exige novo caminho, cobra a superação.

O que carrega o vento da utopia são as esperanças dos povos colonizados, dos negros e dos indígenas, dos muitos aprisionados. São as cobranças das mulheres, dos homossexuais, dos diferentes. São os justos protestos dos operários explorados, dos trabalhadores e desempregados sem teto, sem-terra, às vezes sem identidade, sem pátria formal.

Anima o espírito da utopia a coragem e o ímpeto de se lançar ao mar e ao deserto, dos estrangeiros, dos refugiados, dos fugitivos de seus países em crise, em guerra, mesmo sem documentos. O espírito da utopia lança ao mar os que portam consigo apenas a vida e a esperança.

No espírito da utopia clamam as queixas de todos os humilhados, dos que postulam ver contemplados o seu direito à vida digna, à autodeterminação, à escolha livre. Dos esquecidos que buscam proteção contra a escravidão, contra a discriminação, contra o preconceito. Dos mais fracos e expostos contra os maus tratos, contra o poder arbitrário, contra a violência policial; contra os abusos domésticos, escondidos; contra as restrições econômicas; contra a condenação injusta. Dos que lutam pela participação no trabalho

humanizado, pelo acesso à saúde e à educação, pela chance de aprender por toda a vida, pelo direito ao conhecimento renovado, ao descanso e ao lazer.

O espírito da utopia luta por leis igualitárias, pela liberdade de associação, por voz e voto na vida comunitária. Pela democracia formal, e a econômica e social. Por um sistema de justiça que respeite os mais frágeis e não se deixe corromper ou amedrontar pelos poderosos. Portadores do espírito da utopia são os muito reais perseguidos por suas fraquezas ou por suas diferenças, assim como por suas ideias e posições políticas que contrariam os interesses dominantes.

O *espírito da utopia* vive, perpassa a atmosfera que respiram os grupos em angústia, em luta por afirmação e reconhecimento, e anima a ação dos que se sensibilizam e se deixam envolver pelas carências da humanidade, pela falta de humanidade.

O enigma e o mistério da esperança

No universo das ideias e na linguagem do autor de *Espírito da utopia*, a esperança é considerada como um enigma, não como disposição afetiva, nem propriamente como virtude moral, mas como um estado ou fato do plano cognitivo, isto é, um fenômeno da alma humana compartilhada, que se enraíza no mais concreto e material da natureza e da sociedade, da cultura, da história, de modo que há de ser compreendida como uma indicação de futuro, a ser levada em conta como uma antecipação, quase previsão.

Todavia, a conceituação operada pelo filósofo Ernst Bloch, na herança do humanismo moderno materialista em que se insere, assim como na tradição própria ao messianismo que o transcende, não fornece a única moldura disponível de concepção da esperança. Essa não é a única conceituação existente nem a única maneira possível de viver a esperança. No mesmo espaço da fé religiosa, no mundo que se reconhece a si mesmo como cristão, a esperança se afirma e reluz como um valor e como uma virtude, cercada de mistério. Ante o enigma da esperança a animar o movimento da história e ante o mistério da esperança a animar o espírito dos homens nela envolvidos, encontra-se inspiração para afirmar que o espírito da utopia vive e, a um só tempo, permanece e dá impulso para a mudança.

THE SPIRIT OF UTOPIA LIVES

Abstract

Written as an homage at the occasion of the centenary of the first edition of *The spirit of utopia* (1918) of Ernst Bloch (1885-1977), the text remembers the content of the work and the significance of utopia in the modern age; and by making reference to the Thesis 9 on History, of Walter Benjamin (1892-1940), alludes to the claims that, in our days, testify the survival of the utopic spirit.

Keywords: Bloch, spirit, utopia, music, history, Benjamin.

REFERÊNCIAS

ABENSOUR, M. **O novo espírito utópico** (Org. U. Arantes). Campinas: Unicamp, 1990.

ALBORNOS, S. **Ética e utopia**. Porto Alegre: Movimento & Edunisc, 2006(1985).

ALBORNOS, S. **O enigma da esperança**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Violência ou não violência**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

_____. (org.). **A filosofia e a felicidade**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

BARRETTO, V. et al. **Dicionário de Filosofia Política**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I** (Trad. S.P. Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 2016(1985).

_____. **O anjo da história**. Trad. de J. Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BLOCH, E. **Geist der Utopie**. Frankfurt: Suhrkamp, 1964(1923).

_____. **L'esprit de l'utopie**. Paris: Gallimard, 1977.

_____. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto & EdUERJ, 2005;2006.

_____. **Thomas Münzer, teólogo da revolução**. Rio: Tempo Brasileiro, 1973 (1921).

GAGNEBIN, J.M. **História e narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999(1994).

KOTHE, F. R. (org.) **Walter Benjamin**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1985.

Sobre a autora:

Suzana Albornos possui Graduação em Ciências Sociais (PUCRS); mestrado em Filosofia (UFRGS); estudos na EHESS (Paris, 1986-1990); doutorado em Filosofia (UFMG). Lecionou na FURG e na UNISC e tem publicado, entre outros, sobre Ernst Bloch e a filosofia da utopia. Endereço Eletrônico: albornos.suzanaguerra@gmail.com